ADB

Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ano XVII Nº 72 Janeiro/Fevereiro/Março 2011
ISSN 0104–8503

20 anos do Mercosul

Devido a mudanças ocorridas no sistema de informações do Ministério das Relações Exteriores, solicitamos que os associados informem o novo endereço eletrônico para que possamos atualizar a lista para envio de nossa correspondência.

Em nome dos Associados da ADB e no meu próprio, quero deixar aqui registradas as melhores felicitações aos colegas e amigos embaixador Antonio de Aguiar Patriota e embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira, nomeados pela senhora presidenta Dilma Rousseff, respectivamente, ministro de Estado das Relações Exteriores e secretário-geral das Relações Exteriores.

Da mesma forma, deixo aqui registrados nossos mais sinceros votos de pleno êxito no cumprimento da alta missão de que foram incumbidos.

Desnecessário é dizer que a ADB espera poder prestar, ao senhor ministro de Estado e ao senhor secretário-geral, sua colaboração para tudo quanto se refira a interesses de seus Associados, ou seja, aos integrantes da carreira de diplomata – da ativa e aposentados ou pensionistas – à qual ambos pertencem.

O presente número do nosso **Boletim** inicia com matéria sobre os 20 anos de existência do Mercosul, seus avanços, seus recuos e suas perspectivas. Nesse sentido, o diretor-executivo do Conselho Empresarial da América Latina (Ceal), Alberto Pfeifer, afirma que, do ponto de vista econômico estabeleceu-se com sucesso como União Aduaneira depois da assinatura do Protocolo de Ouro Preto de 1995, e está cada vez mais perto de alcançar o objetivo proposto no Tratado de Assunção, que é constituir-se em um verdadeiro mercado comum. Mas, na opinião do embaixador Rubens Barbosa, o volume de mais de US$ 40 bilhões atingido pelo Mercosul em 2010 se deveu ao dinamismo do comércio exterior e ao crescimento das economias da região, e não ao Mercosul. Por sua vez, a diretora do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (Cindes), Sandra Rios, pondera que é preciso atualizar a agenda de integração, tal qual foi projetado há 20 anos e salienta: "O Brasil deve exercer seu papel de liderança".

A difícil e escorregadia função de porta-voz (sei disso, pois exerci-a, no Itamaraty, quando meu grande chefe, o embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira, foi nomeado Chanceler) do presidente da República tem sido confiada, nestas últimas décadas, a sete diplomatas, contando, inclusive, com o atual porta-voz da presidenta Dilma Rousseff, ministro Rodrigo de Lima Baena Soares.

No Brasil, infelizmente, a formação de profissionais qualificados para determinadas atividades tem sido inferior à oferta de empregos, o que faz com que os setores interessados tenham de recorrer à mão de obra estrangeira.

O consumo mundial de produtos orgânicos está em pleno crescimento. Nesse sentido, vale destacar que o Projeto Organics Brasil é responsável por cerca de 60% do mercado mundial de açúcar refinado orgânico.

A riqueza musical do Brasil constitui, de norte a sul e de leste a oeste, um dos mais sólidos alicerces da cultura brasileira e nele tem destaque especial uma forma de música que passou a ter – pela sua beleza global, ousadia harmônica, inovação rítmica e variedade lírica, que vai da tristeza da saudade ao brilho do sol e do mar – incontestável dimensão internacional. Refiro-me à 'bossa nova', marco maior da criatividade musical brasileira contemporânea. Porém, como toda manifestação cultural, se não for preservada e mantida viva, acabará caindo no escuro fosso do esquecimento.

Para evitar esse perigo, ainda mais num país como o nosso que cultua tão pouco seu passado, foi criado em Brasília o Clube da Bossa Nova do Brasil.

Resenha escrita pelo vice-presidente da ADB, ministro Paulo Roberto de Almeida põe em relevo *O punho e a renda,* do diplomata Edgard Telles Ribeiro.

A seção Prata da Casa aponta, entre outras obras, o trabalho monumental do embaixador Proença Rosa, que será objeto de destaque especial em próximo Boletim da ADB.

Guy M. de Castro Brandão
Presidente da ADB

Porta-Vozes

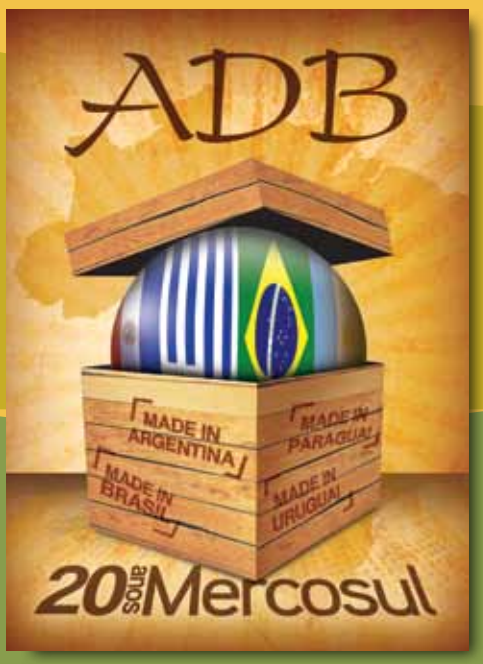
10
A função de porta-voz do presidente da República exige calma, desenvoltura e senso político apurado. Não é à toa que tantos diplomatas exerceram a função.

Trabalhadores Estrangeiros

16
Descoberta do pré-sal e maiores investimentos na área de exploração de óleo e gás natural são os principais fatores de atração.

Clube da Bossa Nova

20
Amantes desse autêntico gênero musical se reúnem em Brasília para celebrar a beleza e melodia da Bossa Nova.



Capa

4
Convidamos quatro especialistas para analisar os avanços e entraves do Mercosul, que completou 20 anos em março.

Exportação de Alimentos

23
Açúcar refinado orgânico e suco de laranja são destaques nas exportações brasileiras.

Artigo

26
O diplomata Adriano Pucci escreve sobre almas, espectros e fantasmas que se movimentam com desenvoltura pelo Itamaraty.

Resenha

29
Resenha do livro de Edgard Telles Ribeiro, *O Punho e a Renda*, destaca a possível mistura entre realidade e ficção nesse romance de espionagem.

Prata da Casa

31
Os três volumes de *História da Ciência*, de Carlos Augusto de Proença Rosa merecem atenção, assim como *Segurança Internacional: Perspectivas Brasileiras,* organizado por Nelson Jobim, Sérgio Etchegoyen e João Paulo Alsina.

DUAS DÉCADAS DE AVANÇOS E RECUOS

O dia 26 de março de 2011 marca os 20 anos de assinatura do Tratado de Assunção. Qual o balanço desse período? Em que aspectos o Mercado Comum do Sul foi importante para a economia de seus quatro países integrantes? O que ainda precisa ser feito para o pleno funcionamento do bloco?

A equipe do **Boletim da ADB** convidou quatro especialistas a analisar os resultados alcançados pelo Mercosul nessas duas décadas, além de opinar sobre pontos como o Parlamento do Mercosul e a provável entrada da Venezuela no bloco. Conheça a seguir os pontos de vista de cada um deles sobre as principais questões referentes ao grupo econômico.

HOUVE PONTOS ALTOS... O diretor-executivo do Conselho Empresarial da América Latina (Ceal), Alberto Pfeifer, afirma que, do ponto de vista econômico, estabeleceu-se com sucesso como União Aduaneira depois da assinatura do Protocolo de Ouro Preto em 1995 e está cada vez mais perto de alcançar o objetivo proposto no Tratado de Assunção, que é constituir-se em um verdadeiro mercado comum.

Na opinião de Pfeifer, graças a essa maior integração econômica houve uma mais intensa aproximação política entre os países integrantes do bloco, seja no sentido de se estabelecer canais de comunicação fluidos para a boa condução dos temas econômicos, seja porque os países passaram a se identificar mutuamente como parceiros políticos porque detinham interesses comuns na arena internacional, como, por exemplo, na Organização Mundial do Comércio, já que operam como uma União Aduaneira, praticando a mesma tarifa alfandegária.

O professor de Relações Internacionais da PUC-SP e sócio-diretor da Prospectiva Consultoria Internacional, Ricardo Sennes enumera setores que aproveitaram o ambiente favorável alcançado pela região nos últimos dez anos e aumentaram suas relações comerciais, investimentos e até integração de cadeia produtiva. "Há casos clássicos, como a indústria automobilística, que envolve o setor de autopeças, caminhões e tratores. No setor da indústria química, de produtos têxteis e de alimentos há dinâmicas de comércio bastante integradas e razoavelmente equilibradas. Há setores em que existe uma assimetria favorável à balança brasileira como o de máquinas, o siderúrgico e o de eletroeletrônicos de maneira geral", descreve.

Para o embaixador Rubens Barbosa, o Mercosul foi um grande aprendizado para o setor privado nas negociações internacionais. "O Brasil sempre teve uma posição muito distante em relação à América do Sul. Hoje, a região é prioridade do governo brasileiro. Isso criou um ambiente favorável aos nossos vizinhos", explica. Barbosa acredita que o Mercosul também foi responsável por aumentar o interesse brasileiro em conhecer nossos países vizinhos.

Para a diretora do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (Cindes), Sandra Rios, não resta dúvida de que o bloco desempenhou papel muito relevante para a estratégia de inserção internacional dos países-membros. Segundo ela, uma das mudanças fundamentais da economia brasileira na década de 1990 foi haver rompido o isolamento comercial em relação aos países vizinhos, que havia sido mantido ao longo de várias décadas de políticas econômicas baseadas na substituição de importações. O evento que marcou o início desta

Especialistas analisam os principais progressos e entraves na trajetória do Mercado Comum do Sul

nova fase foi o lançamento, em março de 1991, do Mercosul.

"Um dos traços notáveis do padrão de comércio gerado pelo Mercosul é o alto grau de sofisticação tecnológica dos bens transacionados. Durante o período 2001–2009, mais de 90% das exportações brasileiras para a Argentina foram de produtos industrializados. Do lado das importações, a participação desses bens na pauta também foi crescente: subiu de 70% para 84%. Como seria previsível, a pauta brasileira é mais diversificada", aponta a pesquisadora.

Rios afirma que a agenda que mais avançou no Mercosul foi a relacionada à remoção das barreiras ao comércio intrabloco – ou seja, a agenda de livre-comércio. "Embora esteja longe de estar esgotada, uma vez que há dois setores que permanecem fora do livre-comércio (automóveis e açúcar) e diversas barreiras nãotarifárias ainda estejam presentes, a liberalização do comércio desempenhou papel relevante para os resultados mencionados acima. Infelizmente, no período recente observa-se algum retrocesso com a imposição de medidas nãotarifárias, como as licenças nãoautomáticas de importação, que afetam o comércio intrabloco", pondera.

...E BAIXOS – No ano de 2010, o Mercosul alcançou volume de comércio de mais de US$ 40 bilhões. Na opinião do embaixador Rubens Barbosa, esse sucesso se deveu ao dinamismo do comércio exterior e ao crescimento das economias da região, não ao Mercosul.

"O bloco enfrenta um problema institucional muito grande. O Tratado de Assunção não é cumprido plenamente por nenhum dos países". Barbosa cita obstáculos ao

Rubens Barbosa: embaixador aposentado

Alberto Pfeifer: diretor-executivo do Conselho Empresarial da América Latina (Ceal)

Sandra Rios: diretora do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (Cindes)

Ricardo Sennes: professor de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e sócio-diretor da Prospectiva Consultoria Internacional

pleno desenvolvimento do grupo: "O mecanismo de solução de controvérsias não é utilizado, as listas de exceções são muito grandes – e estão aumentando, em vez de diminuir – e as exceções ao comércio, à ampliação da liberalização do comércio estão aí, sobretudo por parte da Argentina, prejudicando o livre-comércio dentro do Mercosul".

A pesquisadora Sandra Rios afirma que se avançou muito pouco na agenda da integração, que vai além do livre-comércio de bens. "A união aduaneira continua bastante incompleta e imperfeita. Muitos dos acordos e tratados negociados ao longo dos últimos 20 anos não foram internalizados. Entre estes se destacam os acordos na área de investimentos, de compras governamentais, de concorrência e de propriedade intelectual", explica.

Para ela, a intensificação e a sofisticação das relações econômicas intrarregionais, com a expansão dos investimentos diretos de empresas brasileiras nos países do bloco, não foram acompanhadas por uma regulamentação que estimule e dê garantias a esses investimentos.

"As crescentes divergências na condução das políticas macroeconômicas do bloco e das estratégias de inserção internacional nos países do bloco não facilitam o avanço e a implementação de compromissos que reduzem o grau de liberdade na implementação de políticas nacionais. Têm sido evidentes as dificuldades de avançar na agenda da integração. É recorrente a divulgação de novas agendas para os próximos anos, que repetem prioridades temáticas já há muito incorporadas no programa de trabalho do bloco", argumenta.

A pesquisadora acredita que o tratamento da questão tributária é essencial para facilitar a maior integração das cadeias produtivas e os investimentos diretos entre os países-membros. É também crucial para estimular o comércio de serviços. "Hoje a importação no Brasil de serviços de qualquer parceiro do bloco implica um custo com pagamento de impostos de pouco mais de 45%, somando todos os impostos incidentes na remessa dos recursos para o pagamento no exterior. O mesmo serviço prestado no Brasil por uma empresa de consultoria implicaria encargos tributários de cerca de 18%. Trata-se, portanto, de grande desestímulo à contratação, por empresas brasileiras, de serviços prestados por empresas dos demais sócios", demonstra Rios.

O consultor Ricardo Sennes também acredita que a troca de serviços entre os países é ainda bastante baixa, crescendo basicamente para o lado do Brasil. Segundo ele, ainda que empresas brasileiras tenham exportado serviços para a região e nas áreas de transporte e tecnologia da informação, os resultados ainda não são relevantes em nossa pauta de exportação. "A prestação de serviços representa 60% do PIB brasileiro, mas isso não está refletido no fluxo do comércio regional", afirma.

Sennes também aponta a falta de infraestrutura como um dos maiores problemas do bloco. Segundo ele, a pequena conexão de linhas férreas e da malha viária representa um *gap* enorme na logística entre os países, e o fato de os países acharem mais fácil utilizar os meios marítimos para realizar trocas comerciais, "como se não fossem vizinhos e tivessem enormes fronteiras entre si", é claramente um gargalo.

O consultor acrescenta outros problemas relacionados à logística entre os países, como atrasos nas liberações de produtos nos serviços aduaneiros de fronteira e certificações que não são reconhecidas, por exemplo.

Mesmo considerando o acordo que determinou a eliminação da dupla-cobrança da Tarifa Externa Comum, assinado em agosto do ano passado durante a Cúpula de San Juan, Sennes acredita que a padronização de regras tributárias ainda é "um problema enorme a ser resolvido".

Para ele, outro aspecto em que o projeto de integração não avançou foi na área de agronegócio. "Ele praticamente não existe na região como destino de mercado, de exportações, de integração de cadeia ou troca de investimento. Os setores de agronegócios argentinos e uruguaios são voltados para terceiros mercados, extrarregionais".

VENEZUELA – O processo de negociação da entrada do país hoje presidido por Hugo Chávez teve início em meados de 2006 e caminha lentamente. Os parlamentos do Brasil, da Argentina e do Uruguai já admitiram a participação da Venezuela, e o congresso paraguaio deve aprovar a entrada do país no bloco ainda em 2011. A postura política de Chávez é polêmica e, na opinião dos especialistas, pode interferir no futuro do bloco.

Na opinião da diretora do Cindes, o ingresso da Venezuela no Mercosul no contexto atual é um equívoco. "Do ponto de vista da agenda externa do Mercosul, o ingresso da Venezuela será um importante elemento complicador no já difícil exercício de construir consensos intrabloco para as negociações de acordos de livre-comércio com outros países", argumenta Sandra Rios.

Para ela, não parece haver vantagens relevantes em relação a benefícios para o comércio, pois os países do Mercosul têm um acordo de livre-comércio firmado com a Venezuela no âmbito do ACE 59 que já prevê a liberalização do comércio até o final da década atual.

Rios destaca, ainda, que a Venezuela não assumiu compromissos firmes de antecipar e melhorar os cronogramas de desgravação como contrapartida para sua entrada no bloco e que não há acordos em vigência no Mercosul na área de investimentos e, portanto, nessa área não há ganhos imediatos.

O embaixador Rubens Barbosa e o consultor Ricardo Sennes mostram-se mais otimistas e veem vantagens estratégicas na presença venezuelana no bloco. Para Barbosa, o Mercosul passará a ter alcance geográfico maior, que se estenderá da Patagônia até o norte da América do Sul, ampliando o mercado e abrindo possibilidades de expansão para o Caribe.

Ricardo Sennes acredita que é deliberadamente um interesse estratégico do Brasil ampliar o Mercosul para um bloco sul-americano. "O Brasil tem perdido muito mercado nos países andinos por conta de terceiros países, e uma integração no Mercosul poderia favorecer vários setores brasileiros", explica o especialista.

Apesar do otimismo, os dois especialistas não têm dúvidas de

A união aduaneira continua bastante incompleta e imperfeita. Muitos dos acordos e tratados negociados ao longo dos últimos 20 anos não foram internalizados", afirma Sandra Rios

que a provável entrada da Venezuela no Mercosul pode apresentar dificuldades para o bloco. Ricardo Sennes acredita que este será um processo que demandará grande esforço de acomodação. "Uma possível resistência da Venezuela em incorporar uma parte importante dos acordos já firmados certamente vai gerar um processo de tensão nessa transição. Mas me parece que é um custo que foi aceito pelo país, pelo parlamento e pelos atuais integrantes do Mercosul e, portanto, foi entendido como um custo estratégico positivo a ser pago", argumenta.

Para Rubens Barbosa, o problema que se coloca é a agenda política de Hugo Chávez, que foi muito crítico do Mercosul. "Isso cria grande incerteza e insegurança para o futuro do bloco, porque não sabemos como o presidente da Venezuela vai atuar no âmbito do Mercosul. Se ele fizer o que tem dito nesses últimos anos, vai tornar mais difícil, por exemplo, a negociação comercial com um número de países que encontram resistência por parte da Venezuela", opina o embaixador.

PARLASUL – Constituído no dia 6 de dezembro de 2006, o Parlamento do Mercosul ainda se encontra em estágio de consolidação. Há consenso entre os especialistas que a presença de um parlamento regional pode contribuir para o processo de integração, mas que a atuação do organismo ainda está longe de ser satisfatória.

Um acordo político firmado no ano passado determinou que o número de integrantes das representações de cada país será proporcional à população de cada Estado integrante. A representação brasileira aumentará de 18 para 37 parlamentares. A Argentina passará a contar com 26 representantes a partir de 2011. Paraguai e Uruguai continuarão a ter 18 representantes cada.

Os 37 futuros integrantes da representação brasileira deverão estar no exercício de seus mandatos no Brasil, e ainda não foi determinado quantos serão senadores e quantos serão deputados. As eleições diretas para o Parlasul estão previstas para acontecer em 2012. As regras para esse pleito devem ser definidas por uma nova lei, cujo projeto, elaborado pelo deputado Carlos Zarattini (PT-SP), ainda tramita na Câmara.

Para o consultor Ricardo Sennes, o Parlamento do Mercosul foi uma "decisão precipitada" pelo fato de ter sido uma decisão muito pouco respaldada na realidade da dinâmica política do bloco. "O Parlasul vai claramente sofrer problemas para se tornar efetivo por causa da assimetria que temos no peso político nos países e também porque o grau de aceitação das instituições nacionais com relação às regras aprovadas ainda é muito baixo", explica.

"O atual secretário-geral do Mercosul, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, tem uma tarefa simples: implementar as decisões tomadas. Se ele conseguir ativar os mecanismos de resolução de controvérsias também já terá feito muito pelo futuro do bloco", defende Alberto Pfeifer

Segundo o diretor do Ceal, Alberto Pfeifer, o Parlamento do Mercosul não tem atuado de maneira a se sentir na nossa sociedade. "Nenhuma ação do parlamento causou qualquer alteração nos negócios das nações dos Estados-Membros", afirma. Pfeifer argumenta, no entanto, que a iniciativa de dotar a região de um organismo legislativo interregional é válida e opina sobre a composição da instituição.

Para ele, o parlamento seria mais efetivo se fosse composto tanto por deputados exclusivos do Parlasul quanto por deputados que também atuassem em suas casas legislativas nacionais. Dessa maneira, além de haver melhor comunicação entre os grupos nacionais, haveria parlamentares dedicados inteiramente à formulação de normas para o grupo.

O embaixador Rubens Barbosa, por sua vez, acredita que o Parlamento do Mercosul vai passar pelo mesmo processo pelo qual passou o parlamento da União Europeia. "Vai ter poderes limitados de execução, que, aos poucos, vão ganhando corpo. Como está hoje, o Parlasul terá uma atuação difícil, porque as competências não estão claramente definidas", completa.

AS PRÓXIMAS DÉCADAS – Ainda existem muitos desafios a ser superados. O que podemos esperar para o futuro do Mercosul? Sandra Rios afirma que tem dificuldades em acreditar que será possível aprofundar e seguir com o projeto de integração tal qual ele foi projetado há 20 anos. De acordo com ela, é preciso atualizar a agenda de integração e adaptá-la aos condicionantes impostos pela evolução política e econômica dos países do bloco.

"O Brasil deve exercer seu papel de liderança. Para isso é preciso que a sociedade brasileira esteja disposta a pagar os custos dessa liderança. O melhor que o país pode fazer pela integração regional é abrir efetivamente seu mercado às exportações dos vizinhos e estimular o comércio de serviços e os investimentos brasileiros nos sócios do bloco", afirma ela.

Assim como Rios, Alberto Pfeifer também acredita que o sucesso do Mercosul está atrelado ao cumprimento das decisões tomadas pelo grupo, principalmente aquelas tomadas na Cúpula de Foz do Iguaçu, ocorrida em dezembro de 2010 (quando foram aprovados 37 acordos, como o Estatuto da Cidadania do Mercosul e o Acordo de Defesa da Concorrência) e na anterior, ocorrida na cidade de San Juan, em agosto de 2010, quando foram aprovados 27 acordos, entre eles o Código Aduaneiro do Mercosul.

"O atual secretário-geral do Mercosul, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, tem uma tarefa simples: implementar as decisões tomadas. Se ele conseguir ativar os mecanismos de resolução de controvérsias também já terá feito muito pelo futuro do bloco", defende Pfeifer.

Para o embaixador Rubens Barbosa, o Mercosul econômico-comercial vai encontrar muitas dificuldades pela frente, pois, em sua opinião, houve distorção dos objetivos acordados em 1991 no Tratado de Assunção.

"O governo brasileiro favoreceu e está apoiando muito um Mercosul político e social, que é importante, mas é outra coisa, não é o Tratado de Assunção original que interessava ao Brasil. Essas ações nas áreas política e social poderão ter benefício dentro de um processo de integração mais amplo, mas daquilo que interessava ao Brasil, que era a ampliação dos mercados pela liberalização do comércio, eu acho que o Mercosul ainda vai encontrar muitas dificuldades".

Orlando Brito

No Palácio das Laranjeiras, uma das entrevistas exclusivas do presidente Juscelino foi para o jornalista Carlos Castello Branco, na época da revista *O Cruzeiro*

PODER, INTRIGAS E UMA IMPRENSA FUMEGANTE

Calma, desenvoltura e senso político apurado. Para exercer a função de porta-voz do presidente da República é realmente necessária muita diplomacia.

"Você não pode mentir". A frase é do diplomata Georges Lamazière, ao definir a figura do porta-voz da Presidência da República – cargo que ocupou na segunda metade do governo de Fernando Henrique Cardoso. A afirmação representa com clareza a responsabilidade da função, que foi ocupada por 29 profissionais entre os governos de Juscelino Kubitschek e de Dilma Rousseff. Sete desses porta-vozes foram diplomatas.

Pensar de forma meticulosa em briefings para repassar à imprensa e à sociedade envolve um duo eterno de risco e tensão. Afinal, trata-se de públicos que estão interessados em saber a opinião e a informação governamental de forma clara, acessível e sem ambiguidades.

É justamente nesse ponto que os porta-vozes diplomatas possuem vantagem, já que são habituados a ser formais e diretos em seus diálogos dentro do Itamaraty. "Como eles são treinados para falar, possuem maior capacidade de argumentação e sabem usar as palavras corretamente, são mais criteriosos", considera o jornalista Jorge Duarte, um dos autores do livro *No Planalto, com a Imprensa – Entrevistas de secretários de Imprensa e porta-vozes: de JK a Lula.*

Segundo o jornalista Ricardo Kotscho, porta-voz do governo Lula durante seu primeiro mandato, a experiência política que possui um diplomata é a grande lacuna para um profissional de comunicação no cargo de porta-voz. Para ele, há uma conexão razoavelmente distinta entre a lógica da imprensa e a da política, embora ambas estejam entrelaçadas. Por essa razão, ex-governantes como Ernesto Geisel, João Figueiredo, Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, além da atual presidente Dilma Rousseff, optaram por escolher diplomatas para exercer a função.

“Acredito que era bom não saber muito mais. Para não haver risco de estar num telefone, conversando com alguém, com um jornalista e, de repente, dizer mais do que era suposto dizer”, avalia Georges Lamazière.

A rotina de um porta-voz começa de manhã cedo. De modo geral, antes de chegarem ao gabinete, eles já leram o que a imprensa publicou, conferiram os clippings e analisaram perguntas que – porventura – venham a interessar aos jornalistas ao longo do dia. Para Kotscho, a função do porta-voz é esta: dirimir dúvidas.

TODO CUIDADO É POUCO – Georges Lamazière acredita que a avidez dos jornalistas por informação constitui a primeira barreira para a Secretaria de Imprensa. Quando outro jornalista está à frente dessa secretaria, a voracidade não assusta tanto. Mas um diplomata reage de outra forma. “Ficava tenso porque ia ter que falar, e as outras pessoas ficavam nos bastidores, em outras áreas do Palácio, dando sugestões. Esse é um lado complicado, porque quem fala e é gravado é você”, conta Lamazière.

Exercendo o papel de desconfiar permanentemente do governo, a imprensa acaba por colocar os porta-vozes na linha de frente dos ataques. “Minha sensação é que os jornalistas sempre acham que existe mais informação do que eles conseguem obter e, muitas vezes, essa informação não existe”, constata o diplomata Alexandre Parola, que também foi porta-voz do governo FHC.

Na condição de repórter, Jorge Duarte acredita que, de certa forma, essa atitude questionadora da imprensa tem reflexos positivos, uma vez que os correspondentes cobram o tempo todo ações e exigem resultados do poder público. “Isso deixa o governo atento porque uma imprensa crítica faz o governo funcionar melhor”, frisa.

POUCA INTIMIDADE – Embora o trabalho dos porta-vozes remeta diretamente a questões ligadas à Presidência, isso não garante uma relação direta entre as duas partes. Que o diga o diplomata Pedro Luiz Rodrigues, que, durante todos os meses em que trabalhou com o presidente Collor recebeu, formalmente, o tratamento de “secretário”.

Rodrigues substituiu o jornalista Cláudio Humberto na função de porta-voz de Fernando Collor. identificado pela expressão “bateu-levou”, Cláudio Humberto chegou a brigar com deputados para defender o presidente, tamanho o grau de intimidade entre os dois. Mas esse tipo de relacionamento é exceção. “Muitas vezes, é preciso [que o porta-voz tenha] uma ponte com alguém que seja de absoluta confiança do presidente”, declara o jornalista Ricardo Kotscho.

De acordo com Georges Lamazière, uma relação formal é positiva. Muita aproximação pode dificultar o trabalho, pois traz o risco do excesso de informação. Para ele, saber o essencial sobre os fatos que envolvem o alto escalão do governo delimita o que se deve comunicar à imprensa. “Acredito que era bom não saber muito mais. Para não haver risco de estar num telefone, conversando com alguém, com um jornalista e, de repente, dizer mais do que era suposto dizer”, avalia.

Se o relacionamento dos porta-vozes com o os últimos presidentes

Resgate da história

No Planalto, com a Imprensa – Entrevistas de secretários de Imprensa e porta-vozes: de JK a Lula foi lançado em setembro de 2010, possui dois volumes e quase mil páginas. O livro reúne entrevistas com antigos porta-vozes e secretários de Imprensa da Presidência da República – responsáveis pelo diálogo entre o alto escalão do governo e os veículos de comunicação.

A ideia de uma publicação contando a história da Secretaria de Imprensa da Presidência da República surgiu como um coletivo de memórias – principalmente porque não havia registro de quando a profissão havia sido regulamentada. "Quando fizemos um levantamento de dados, notamos que não havia muita informação. Aí ficou mais interessante fazer a entrevista com as pessoas", revela um dos autores do livro, Jorge Duarte.

O jornalista conta também que a obra foi um dos únicos espaços para os antigos porta-vozes falarem sobre os bastidores de períodos que marcaram a trajetória da política brasileira. "Muitos não se pronunciavam porque trabalhavam no governo e, como a política é importante, as pessoas são mais discretas e não contam tudo", diz. Segundo o autor, esse foi o ponto máximo do livro – poder passar a história a limpo, esclarecendo pontos que possam ter sido mal vistos ou erroneamente interpretados tanto pela imprensa quanto pela sociedade.

não era muito próximo, no período militar a afinidade era ainda menor. O diplomata Carlos Átila, permaneceu no cargo até a etapa final do governo Figueiredo. "Ele se destacou principalmente por ter exercido a função em um período marcante da história do Brasil, com o adendo de ter estado sob as ordens de um presidente que não falava tanto [Figueiredo]", afirma Jorge Duarte.

O médico Carlos Fehlberg, porta-voz no governo Médici, acredita, no entanto, que essa distância entre o presidente e seu assessor é a principal dificuldade da função. "A ausência de acesso imediato ao presidente é uma perda para o governo, uma vez que ele pode deixar de esclarecer a opinião pública na hora certa", acredita. Nesse aspecto, ele é bem enfático: "O prejuízo acaba sendo do próprio governo, que deve entender que o fomento à Secretaria de Imprensa lhe resulta no próprio fortalecimento".

PERÍODOS DE CRISE – "Não podemos errar, qualquer erro sempre tem consequências e é difícil estar preparado para responder a todas as perguntas que vão surgir", define o cientista social e jornalista André Singer, porta-voz no governo Lula durante o segundo mandato do petista. Se durante períodos calmos de um governo a posição de porta-voz já carrega essa carga dramática, em situações de crise a tensão aumenta ainda mais. E a história da política brasileira é repleta desses períodos, a exemplo da morte de Tancredo Neves, do declínio de Fernando Collor e da crise política que abalou o governo Lula em 2005.

Antes de tomar alguma decisão, o porta-voz precisa estar calmo, ser espontâneo e acreditar no que está falando, ainda que a situação seja bastante adversa. "Você não tem o direito de cair em lágrimas", sentencia o jornalista Antônio Britto, secretário de Imprensa sobre um dos momentos mais dramáticos da história do País: a morte de Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985. O bilhete anunciando o falecimento foi escrito oito dias antes da morte do quase presidente, e ficou guardado no bolso do paletó de Britto durante todo esse tempo, pronto para ser lido a qualquer momento.

Outro momento marcante foi 29 de setembro de 1992 – dia do impeachment de Fernando Collor. "Era difícil ser porta-voz de um governo que tinha a imprensa declaradamente na oposição", confessa o jornalista Etevaldo Dias, sobre a sequência de escândalos que fizeram

sucumbir o governo de Collor. "Os documentos da Receita Federal, cópias de cheques, extratos, nada disso passava pelo Palácio, iam direto para o Banco Central. Sabíamos pela imprensa. Aí era difícil se defender", lembra. A solução encontrada por ele foi agir como mediador, sem tentar criar uma agenda positiva em meio a um tiroteio.

Quando surge uma crise política, nota-se, em alguns setores da imprensa, uma postura de presunção de culpa. Isso não foi diferente nos meses de julho, agosto e setembro de 2005, quando estourou um esquema de corrupção na Empresa de Correios e Telégrafos (ECT) que culminou com o escândalo do "Mensalão". O então porta-voz André Singer acredita que a atuação ideal dos meios de comunicação seria a de dar oportunidade para que as diversas partes de uma questão política pudessem falar com equidade. Segundo ele, não foi o que aconteceu nesse caso.

ALGUNS SEGREDOS – Nos últimos 55 anos de história política de governo, houve também alguns fatos curiosos – como quando o porta-voz de Juscelino Kubitschek, Autran Dourado, escondeu por quase um mês que o presidente havia sofrido um enfarte. "Fingi ser Juscelino, ao entrar em um helicóptero com o chapéu dele e até acenei para os jornalistas", conta. "O presidente estava doente e tínhamos que poupá-lo. Escondemos a situação e até inventamos notícias", lembra.

Outra história peculiar diz respeito ao jantar entre o presidente Collor e a equipe da revista *Veja*, que havia ajudado a destituí-lo do poder. O porta-voz do governo à época, Etevaldo Dias, reconhece que Fernando Collor poderia ter dito a Mario Sérgio Conti, diretor do periódico: "Você me derrubou". Mas ao contrário do que se pensa, ele afirma que foi uma conversa agradável. "Nós rimos daquilo", diverte-se ao contar o fato, vários anos depois do episódio.

Orlando Brito

O jornalista Ricardo Kotscho com o então metalúgico Luiz Inácio Lula da Silva, em São Bernardo (SP)

Profissão: porta-voz

A figura do "jornalista do presidente" surgiu – de fato – na República Velha, durante o governo do primeiro presidente brasileiro, Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891). Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa foram os primeiros a exercer essa função.

Já a publicação de notícias do governo por parte da imprensa originou se no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, sob a gestão do jornalista Tobias Monteiro. Os tablóides liberais da época recebiam incumbências e encomendas, principalmente a partir do governo Campos Sales (1898-1902). "Há relatos de que a direção do Jornal [do Commercio] recebia regularmente bilhetes de Campos Sales com opiniões, sugestões de reportagens e agradecimentos pela veiculação de informações", conforme relata o livro.

Somente em 1938, a área da imprensa do Palácio teve sua atividade formalizada por meio de decreto (nº 3.371), o qual estabelecia que "competiria ao chefe do Gabinete Civil [...] orientar e coordenar os serviços de imprensa da Presidência da República". No entanto, a função de secretário de Imprensa só foi reconhecida no governo João Goulart (1961-1964), com o jornalista Raul Ryff. O decreto regulamentando a profissão foi publicado no Diário Oficial da União em 1961.

Linha do tempo

Autran Dourado, advogado, assessor de imprensa do governo JK	**Carlos Chagas,** advogado, secretário de imprensa do governo Costa e Silva	**Carlos Fehlberg,** médico, secretário de imprensa do governo Emílio Médici	**Humberto Barreto,** advogado, secretário de imprensa do governo Ernesto Geisel
1956 – 1960	1969	1969 – 1974	1977

Antônio Britto, jornalista, secretário de imprensa do governo Tancredo Neves	**Fernando César Mesquita,** jornalista, secretário de imprensa do governo José Sarney	**Antônio Frota Neto,** administrador, secretário de imprensa do governo José Sarney	**Antônio Carlos Drummond,** jornalista, subchefe do gabinete da Presidência para assuntos de imprensa e divulgação do governo José Sarney	**Carlos Henrique Santos,** jornalista, diretor da área de imprensa e divulgação da Presidência do governo José Sarney
1985	1985 – 1986	1986 – 1987	1988	1988 – 1990

Fernando Costa, jornalista, subchefe da subchefia da Presidência para assuntos de divulgação e relações públicas do governo Itamar Franco	**Sérgio Silva do Amaral,** diplomata, porta-voz do governo Fernando Henrique Cardoso	**Ana Tavares,** jornalista, secretária de imprensa do governo Fernando Henrique Cardoso	**Georges Lamazière**, diplomata , porta-voz do governo Fernando Henrique Cardoso	**Alexandre Parola,** diplomata, porta-voz do governo Fernando Henrique Cardoso
1994	1995 – 1998	1995 – 2002	1997 –1999	1999 – 2002

1977 – 1978	1979 – 1980			1981 – 1985
General José Maria de Toledo Camargo, militar, secretário de imprensa do governo Ernesto Geisel	**Said Farhat,** advogado, chefe de comunicação social da Presidência do governo João Figueiredo	**Alexandre Garcia,** jornalista, chefe de comunicação social da Presidência do governo João Figueiredo	**Marco Antônio Kraemer,** jornalista, secretário de imprensa do governo João Figueiredo	**Carlos Átila Álvares,** diplomata, secretário de imprensa do governo João Figueiredo

1990 – 1992	1992		
Cláudio Humberto Rosa e Silva, jornalista, secretário de imprensa do governo Fernando Collor	**Pedro Luiz Rodrigues,** diplomata, secretário de imprensa do governo Fernando Collor	**Etevaldo Dias,** jornalista, secretário de imprensa do governo Fernando Collor	**Francisco Baker,** jornalista, subchefe da subchefia da Presidência para assuntos de divulgação e relações públicas do governo Itamar Franco

2002 – 2004	2003 – 2007	2004 – 2005	2007 – 2010	2011 (atual)
Ricardo Kotscho, jornalista, secretário de imprensa do governo Luiz Inácio Lula da Silva	**André Singer,** jornalista, porta-voz e secretário de imprensa do governo Luiz Inácio Lula da Silva	**Fábio Kerche,** cientista social, porta-voz e secretário de imprensa do governo Luiz Inácio Lula da Silva	**Marcelo Baumbach,** diplomata, porta-voz do governo Luiz Inácio Lula da Silva	**Rodrigo Baena,** diplomata, porta-voz do governo Dilma Rousseff

BRASIL RECEBE MAIS TRABALHADORES ESTRANGEIROS

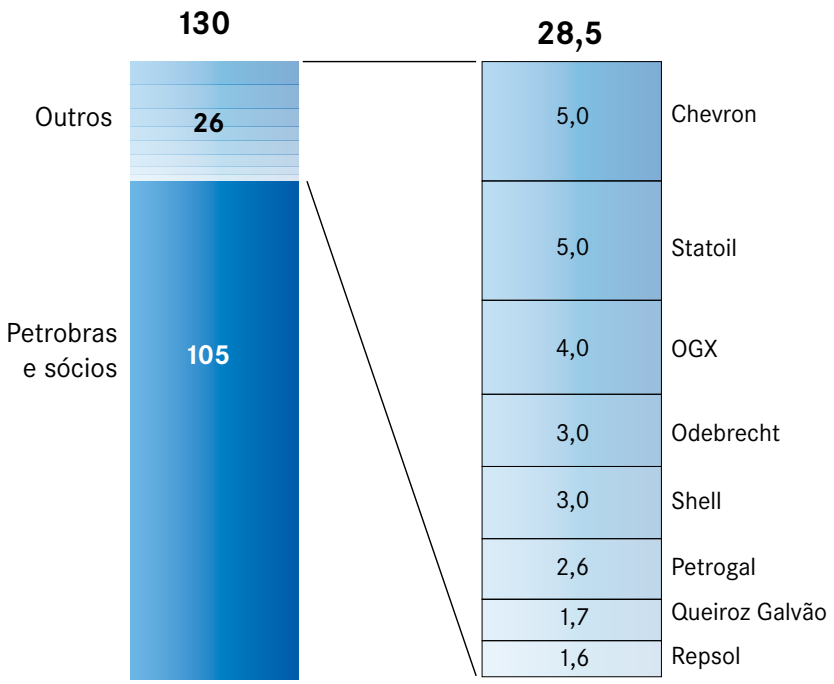
Descoberta do pré-sal e maiores investimentos na área de exploração de óleo e gás natural são os principais fatores de atração

O Brasil é o quarto país que mais oferecerá vagas de emprego em 2011, de acordo com uma pesquisa feita com 64 mil profissionais de recursos humanos de todo o mundo, realizada pela consultoria norte-americana Manpower. O estudo aponta que as áreas de tecnologia da informação e, principalmente, óleo e gás, são as que mais oferecerão oportunidades neste ano.

A quantidade de profissionais brasileiros qualificados para trabalhar na área de petróleo tem aumentado (leia mais no quadro ao lado), mas ainda é insuficiente quando se trata de novas tecnologias e equipamentos utilizados na exploração mineral. Por isso, empresas estrangeiras têm cada vez mais enviado profissionais de seus países de origem para trabalhar no Brasil.

Investimentos: Petrobras e outros participantes

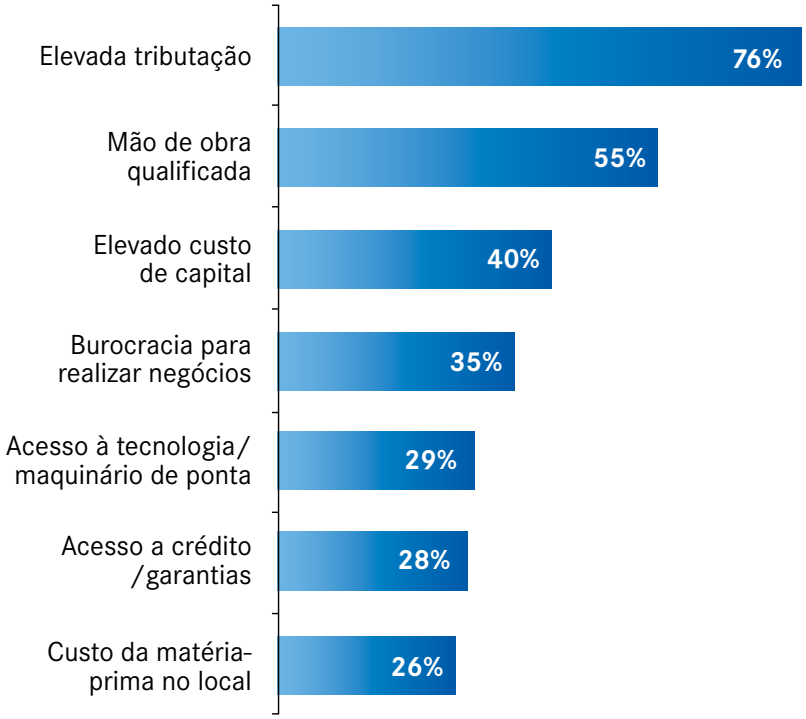
Previsão: próximos 2009-2013 (US$ Bi)



De acordo com o Instituto Brasileiro de Petróleo, a previsão de investimentos totais no setor petroleiro entre 2010 e 2014 será de US$ 135,2 bilhões até 2014. A Petrobras será responsável por 80% dos investimentos no setor. Os outros 20% serão divididos entre empresas privadas nacionais e internacionais.

Principais desafios das empresas no Brasil

(% das empresas fornecedoras de O&G)

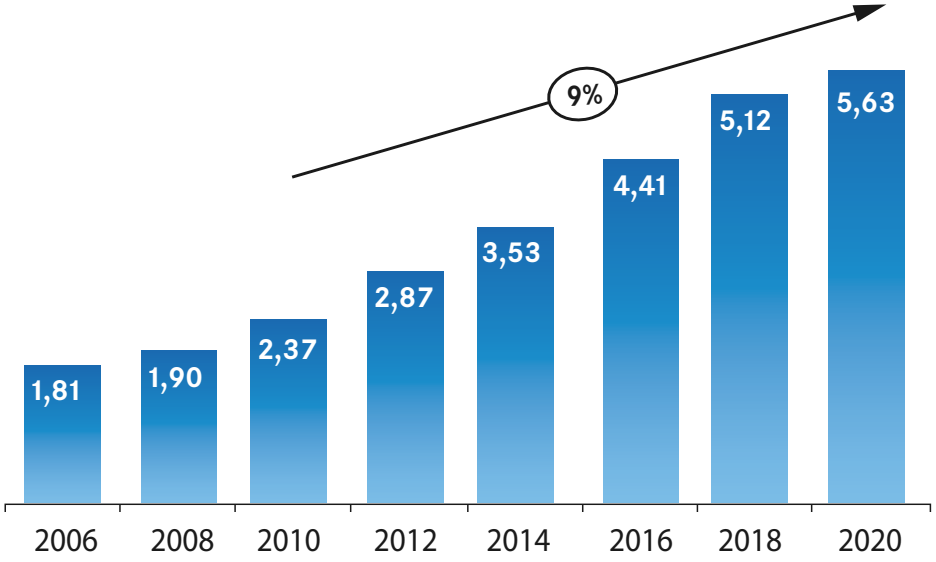


O estudo aponta que a falta de mão de obra qualificada é o segundo maior empecilho à competitividade do setor, tendo sido citada por 55% das empresas ouvidas. O maior empecilho é a tributação, considerada muito elevada por 76% dos entrevistados.

Fonte: Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa, Análise Booz & Company

Previsão de produção nacional de petróleo 2009-2020

Milhões barris / dias



Estudo encomendado pela Organização Nacional da Indústria do Petróleo e divulgado em agosto de 2010 afirma que o setor prevê aumento de 9% na produção nacional de petróleo até 2020

De acordo com estatísticas oferecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o número de autorizações de trabalho até setembro de 2010 foi de 39.057, bem próximo do número total de vistos concedidos em todo o ano de 2010, quando 42.914 trabalhadores estrangeiros obtiveram o visto brasileiro.

O coordenador-geral de imigração do Ministério do Trabalho e Emprego, Paulo Sérgio Almeida, explica que o aumento do número de autorizações de trabalho concedidas desde 2006 está relacionado ao aumento dos investimentos no Brasil, especialmente nos setores industrial, óleo e gás e energia, caracterizado pela aquisição de equipamentos no exterior e implantação, no País, de novas empresas de capital estrangeiro. No setor industrial, esse aumento representa a expansão do parque industrial existente, bem como a modernização e implantação de novas indústrias.

"A aquisição de equipamentos e tecnologia no exterior demanda a vinda de profissionais especializados na supervisão de montagem e na execução de etapas mais sensíveis no processo de implantação desses equipamentos e para transferência de tecnologia", afirmou Almeida.

Os investimentos nas áreas de exploração de petróleo e gás na plataforma continental brasileira implicam a vinda de equipamentos sofisticados do exterior, tais como navios-sonda, plataformas de perfuração, navios para aquisição de dados geofísicos. Esses navios e plataformas vindos de outros países ingressam no Brasil com tripulação estrangeira e, gradualmente, vão incorporando profissionais brasileiros às suas tripulações.

Mais de 90% das autorizações concedidas são temporárias. O profissional estrangeiro permanece no Brasil por prazos que vão de alguns dias a, no máximo, dois anos, executa a tarefa designada, transfere conhecimentos aos trabalhadores brasileiros e depois deixa o País. "Ao atuar na viabilização de investimentos e consequente desenvolvimento do Brasil, esses profissionais contribuem para a geração de empregos para brasileiros nas novas indústrias e atividades econômicas que ajudam a implementar", explica o coordenador.

As estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego podem ser exemplificadas pelo aumento da procura pelos serviços da Welcome Expats Relocation Services, sediada em Macaé, cidade fluminense que concentra a maior parte das empresas petrolíferas que atuam no Brasil. A gerente-geral da empresa, Mônica Mello, afirma que a maior parte dos seus clientes são engenheiros e técnicos de equipamentos específicos, especialistas em óleo e gás.

"Em torno de 80% deles vêm dos Estados Unidos. Nas áreas de óleo e gás, os profissionais

vêm da Europa, especialmente Grã-Bretanha e Noruega. Temos pessoal especializado no Brasil, mas há tecnologias, equipamentos e técnicas ainda desconhecidos em nosso país. Muitos dos profissionais estrangeiros vêm com o comprometimento de treinar mão de obra local. "No meu ponto de vista, a engenharia brasileira tem muito a ganhar com esse fluxo migratório", explica Mônica Mello.

A empresária Tania Maluf, dona da TMC Human Resources Services, também aponta a predominância de norte-americanos entre seus clientes. A busca por vagas no Brasil diminuiu durante a crise financeira de 2008, mas aumentou gradativamente a partir do ano seguinte. "Trabalhamos muito nos dois primeiros meses de 2011, quando realocamos 12 famílias estrangeiras, isso nunca aconteceu antes. Dessas 12 famílias, cinco vieram dos EUA", informa Tania.

O Brasil corre atrás

O aumento expressivo dos investimentos do setor de petróleo e gás natural nos últimos oito anos deixou clara a necessidade de capacitar e qualificar profissionais brasileiros para atuar em diversos setores como construção e montagem, engenharia e manutenção da operação. Por isso, em 2006, o governo federal estruturou o Plano Nacional de Qualificação Profissional (PNPQ), articulado dentro do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo (Prominp), criado três anos antes, em parceria com a Petrobras.

Até janeiro de 2010, o PNPQ capacitou 78 mil profissionais por meio de cursos gratuitos de nível básico, médio, técnico e superior, em mais de 175 categorias profissionais ligadas às atividades do setor de petróleo e gás. Estão envolvidas cerca de 80 instituições de ensino em 17 estados do Brasil, com investimentos que já chegam à casa dos R$ 220 milhões. Além dos cursos gratuitos, são oferecidas bolsas-auxílio mensais para os alunos desempregados, que variam entre R$ 300 e R$ 900, dependendo do nível do curso.

A principal financiadora do plano de qualificação, que conta também com recursos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio do PlanSeQ (recursos do Fundo do Amparo ao Trabalhador - FAT) e do Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT (Fundo Setorial do Petróleo e Gás Natural – CT-PETRO). O plano já identificou a necessidade de qualificação de mais 207 mil pessoas até 2013, em 185 categorias profissionais e 13 estados do País, com previsão de recursos adicionais da ordem de R$ 550 milhões.

Clube da Bossa Nova do Brasil

Em pleno Planalto Central, movimento resgata o esplendor da melodia que embalou a boêmia carioca na década de 1950, tornando-se um dos gêneros musicais brasileiros mais conhecidos em todo o mundo.

Livia Barreto

Quarta-feira, 31 de dezembro de 2000, Rio de Janeiro – era véspera de réveillon e caixas instaladas ao longo da orla de Copacabana tocavam clássicos de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli, entre outros grandes nomes da bossa nova. Embalado pelo frenesi do momento, o engenheiro civil e professor universitário Dickran Berberian sentiu que aquele era o momento exato para prestar uma homenagem à música que inovou a maneira de cantar samba nos anos de 1950 na capital fluminense.

No primeiro minuto do novo milênio, com todo ímpeto de quem acabou de ter uma grande ideia, Dickran subiu em um coqueiro anão e clamou: "Está criado o Clube da Bossa Nova do Brasil!". Talvez pelo barulho da queima de fogos, ou pelo burburinho que ecoava na praia, o fato é que ninguém que estava ao redor se deu conta do que tinha acabado de acontecer.

Sediado em Brasília, onde mora o engenheiro, o projeto foi fundado com o intuito de preservar, difundir e incentivar novas composições de bossa nova. Assim, as próximas gerações poderiam sentir a mesma sensação que Berberian ao ouvir aquele som – que, de maneira tipicamente carioca, resgata o valor de se apreciar boa música. "Os jovens de hoje

Em pleno Planalto Central, movimento resgata o esplendor da melodia que embalou a boemia carioca na década de 50, tornando-se um dos gêneros musicais brasileiros mais conhecidos em todo o mundo.

escutam música fora da realidade, com composições nada positivas, que não transmitem amor, carinho e amizade", afirma a pianista clássica Mylene Sivieri, uma das diretoras do projeto.

Pioneiro no País, o Clube da Bossa Nova do Brasil além de preservar a memória da bossa nova, também tem o objetivo de revelar novos talentos musicais e acolher principiantes em canto ou algum instrumento musical. O projeto trabalha com duas vertentes: encontros musicais e shows. Durante os encontros, qualquer pessoa pode se inscrever para cantar. "Brasília tem grandes talentos. Temos muitas revelações por aqui", elogia a diretora cultural do Clube da Bossa Nova, Ana França.

O público fica tão à vontade, que até quem nunca pensou em fazer música acaba sendo incentivado a compor. Que o diga a economista aposentada Malô Simões Lopes, que decidiu dedicar sua vida à música e já dividiu o palco com cantores profissionais sem a menor timidez. Ela brilhou ao lado das pratas da casa Alysson Takai, Cely Curado, Salomão di Pádua, Teresa Lopes, Edson Sauguelis e Hugo Lafayette em um dos encontros do grupo, ao cantar *Canções e momentos*, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

DA LIVRARIA AO TEATRO – Ao longo da última década o Clube da Bossa Nova teve mais de 200 encontros, todos compostos pela presença de músicos e pessoas interessadas na arte da bossa. Essa história começou assim que Dickran retornou à capital federal. Como ele tocava piano aos sábados na livraria musical Musimed, que fica na Asa Sul do Plano Piloto, esse acabou sendo o palco de reuniões esporádicas do grupo.

Mylene Sivieri relembra que, após quase seis anos, o local não comportava mais todos os apreciadores. "Não havia um auditório nem cadeiras para o público que aumentava a cada sábado, apenas um espaço para a banda se posicionar", lembra. Era hora de trocar de ambiente e a oferta de uma sala no Espaço Cultural Ary Barroso, em um dos prédios do Serviço Social do Comércio (Sesc) da Asa Sul, veio a calhar. Não surpreende dizer que, com o passar do tempo, mais uma vez, o espaço ficou pequeno.

Em 2009 o Clube da Bossa foi transferido para o Teatro Silvio Barbato, no Sesc do Setor Comercial Sul, onde funciona atualmente, com altíssima qualidade sonora. Os encontros e shows são sempre aos sábados, das 11h30 às 13h30, e costumam reunir entre 150 e 250 pessoas. "Nos dias de show o teatro geralmente fica lotado, com gente sentada até nos corredores", orgulha-se Mylene.

SHOWS – A cada dois meses o Clube da Bossa promove shows com convidados. As apresentações já homenagearam grandes compositores, entre eles Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Newton Mendonça e Roberto Menescal. Os astros foram interpretados por músicos brasileiros e do exterior, como a cantora panamenha Priscila Moreno, que se apresentou em setembro de 2010. "Ela cantou *Águas de Março*, em português, com uma maestria muito especial", revela a diretora Ana França.

Outra atração especial foi a dupla suíça Myriam Hidber (flauta) e William Dickinson (flauta e piano), em outubro de 2010. "São professores, apresentam-se profissionalmente interpretando música clássica e gostam de música brasileira", explica Ana. Os músicos tocaram Tom Jobim, acompanhados pela banda do Clube da Bossa Nova. "Eles realmente levantaram a plateia", derrete-se.

Para Ana França, esse intercâmbio cultural é uma oportunidade de mostrar o trabalho de artistas estrangeiros no País, influenciados pela força que tem a música brasileira no exterior. A diretora admite também o desejo de intensificar ainda mais essa interação do Brasil com outros lugares do mundo. "É importante que pessoas de fora venham tocar aqui, mas também estamos pensando na possibilidade de uma parceria que possibilite artistas daqui tocarem no exterior", adianta.

Entre os músicos do Clube destacam-se nomes como Célia Rabelo, Márcia Veras, Salomão di Pádua, Janete Dornellas, Sandra Duallibe, Carlos Bivar e Cássia Portugal.

DE VOLTA À ATIVA – Os trabalhos de 2011 começam no dia 12 de março, logo após o carnaval. Segundo as diretoras, a expectativa é de que haja ainda mais shows e encontros neste ano. Entre os nomes mais cotados para as homenagens bimestrais estão o cantor e compositor Marcos Valle e o músico João Gilberto. "A escolha se deu porque são artistas vivos que estão inseridos no movimento da bossa nova desde sua criação", considera Ana França.

No hall dos projetos, o Clube da Bossa está preparando um acervo histórico dessa música, de modo a enriquecer ainda mais a cultura sonora brasileira. O responsável por essa compilação é o maestro Alexandre Zilah, que ficou encarregado de sistematizar todos os álbuns que foram lançados durante o movimento da bossa nova, nos idos de 1950. "Queremos criar um acervo da bossa nova, não apenas divulgar o som", enfatiza Ana França. O conteúdo será disponibilizado no site do projeto (**www.clubedabossanova.com**).

Livia Barreto

Como funciona

O Clube mantém-se por uma parceria com o Sesc, que, além de fornecer o espaço, paga as três bandas que acompanham shows e encontros, além do cachê dos artistas internacionais. Embora seja aberto ao público, aqueles que quiserem se associar podem contribuir mensalmente com qualquer valor. Essa quantia é utilizada para custear os três músicos profissionais que são convidados para fomentar o repertório musical de cada encontro.

Suco de laranja com açúcar orgânico, por favor

O comércio exterior de produtos industrializados e in natura colocou o País entre os gigantes do setor

Responsável por cerca de 60% do mercado mundial de açúcar refinado orgânico, o Projeto Organics Brasil – conglomerado que reúne 72 empresas e produtores – só tem a comemorar. O produto rendeu US$ 59 milhões de dólares ao Brasil em 2010, por meio de três empresas que fazem parte do empreendimento: Native, Jales Machado e Ecoçucar. Quando somada à venda de outros alimentos, como mel, polpa de fruta *in natura*, grãos e café, a cifra sobe para US$ 108,2 milhões. "Tivemos um crescimento de 130% quando comparado a 2009", comemora Ming Liu, coordenador-executivo do projeto.

Liu calcula que as exportações do Projeto Organics Brasil deverão crescer cerca de 20% em 2011, principalmente pelo aumento da busca por produtos orgânicos. "É uma previsão otimista, tendo em vista o lucro de US$ 6,2 milhões em 2010 com exportações para mais de 25 países", explica. Os principais destinos dos produtos são Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda, Estados Unidos, Canadá e Japão.

A resposta para o sucesso na abrangência da Organics

Brasil está nas características hidrológicas, climáticas e geográficas do território nacional, com grande potencial para o desenvolvimento de projetos de agricultura orgânica utilizando elevados padrões internacionais. Além disso, o mercado externo mostra-se mais receptivo a produtos que representem uma efetiva resposta às preocupações sociais, ambientais e de saúde de seus consumidores.

Atuando em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e com o Instituto de Promoção do Desenvolvimento (IPD), o Projeto Organics Brasil divulga os produtos nas principais feiras do mundo e por meio de catálogos coletivos.

VITAMINA C – Devido às novas tendências alimentares e ao consumo consciente, pessoas no mundo todo têm buscado alimentos mais saudáveis, naturais e que respeitem o meio ambiente. Nessa corrida o Brasil saiu na frente e tornou-se o maior exportador de suco de laranja do mundo, conquistando aproximadamente 85% do mercado mundial, com uma balança de cerca de US$ 2 bilhões. Para se ter uma ideia, um balanço feito pela Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) apontou que a cada cinco copos dessa bebida ingeridos no mundo 4,25 são produzidos por fábricas brasileiras.

As laranjas são cultivadas nos estados de São Paulo e no sul de Minas Gerais e o suco extraído das frutas é exportado para todo o mundo. A Europa é o principal destino, recebendo 70% de nossa produção. Os Estados Unidos, mesmo tendo produção própria, vêm em segundo lugar, comprando 15% da bebida – para os norte-americanos, é mais barato importar o suco do que produzi-lo. Os outros 15% têm como destino o Japão, a China e grande parte do Oriente Médio.

O Brasil tornou-se o maior exportador de suco de laranja do mundo, conquistando aproximadamente 85% do mercado mundial, com uma balança de cerca de US$ 2 bilhões

CONCORRÊNCIA – Mesmo com posição de destaque, o comércio brasileiro de suco de laranja enfrenta queda no consumo mundial. Estudos da CitrusBR denotam que na última década as vendas vêm caindo 1,6% ao ano em decorrência de novas bebidas, como Gatorade, águas saborizadas e suco de maçã. Ainda assim, a expectativa da organização é de manter a exportação de aproximadamente 1,4 milhão de toneladas em 2011.

A CitrusBR foi fundada em junho de 2009 pelos maiores produtores e exportadores brasileiros de sucos cítricos e seus derivados: Cutrale, Citrosuco, Citrovita e Louis Dreyfus. Sua principal finalidade é defender os interesses coletivos dos exportadores de cítricos em escala nacional e internacional, monitorando questões de comércio nesse setor.

BALANÇA COMERCIAL – O ano de 2010 foi bom para a economia nacional como um todo, com aumento de 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo o diretor do Departamento de Economia e Estatística da Associação Brasileira de Indústrias da Alimentação (Abia), Denis Ribeiro, as exportações de alimentos processados atingiram US$ 37,8 bilhões – valor 22% maior se comparado a 2009.

O consumo de carne brasileira no exterior cresceu 20% em 2010, com uma balança de US$ 13,3 bilhões – principalmente por causa da venda do gado vivo, sem passar por corte ou processo industrial. A produção total de açúcar teve, por sua vez, aumento de 51% no ano passado nas exportações, atingindo a cifra de US$ 12,9 bilhões. Nesse caso, o salto nas vendas foi ocasionado por um período de estiagem prolongado na Índia, que acarretou um choque de oferta do produto. "Como o Brasil tinha matéria-prima disponível, preencheu esse espaço no mercado", destaca Ribeiro.

A venda da soja, em grão e em farelo, rendeu quase US$ 20 bilhões ao Brasil e nos colocou no topo do ranking mundial. Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

demonstram que em 1991 a produção da soja ocupava 60 milhões de hectares – em 2010, o plantio do grão atingiu mais de 141,6 milhões de hectares. O uso da tecnologia agrícola e melhores práticas de disseminação dos grãos são os principais responsáveis por esse crescimento, de acordo com estudos do Ministério.

EXPORTAÇÕES EM 2011 – Embora a balança de 2010 tenha sido bastante positiva para o setor agropecuário e industrial nas exportações, a previsão dos especialistas e entidades atuantes no setor é de que 2011 possa ser um ano difícil para o comércio internacional de alimentos. "Espera-se, por baixo, a manutenção. Ou seja, US$ 40 bilhões de exportação", pondera o diretor do Departamento de Economia e Estatística da Abia. Ele aponta que o problema está no crescimento da renda de países emergentes, basicamente na Ásia, América Latina e Leste Europeu.

Como a produção é avaliada pelo preço das commodities, o comércio internacional de alimentos pode ser alterado à medida que aumenta a concentração de renda nessas áreas. Isso sem contar os fenômenos naturais relacionados ao aquecimento global, como secas, chuvas e furacões – que desorganizam a produção. "Essas alterações podem acarretar um choque de ofertas entre os países, além de diminuir a oferta agrícola", prevê Ribeiro.

Sob outra ótica, o economista Anderson Pellegrino acredita na possibilidade de crescimento da demanda dos países em desenvolvimento, com recuperação gradativa dos países desenvolvidos que foram afetados pela crise de 2008/2009. "Na prática, será um cenário positivo para o Brasil, cuja pauta de exportação combina com o crescimento mundial, bens agrícolas e a agropecuária", considera.

Pellegrino sugere, ainda, que para o Brasil ganhar mais espaço e destaque no comércio internacional é importante exportar uma grande variedade de produtos processados e industrializados, que envolvem tecnologia e mão de obra qualificada. "Esse processo valoriza a lógica do capital industrial, além de utilizar vários segmentos da cadeia produtiva", explica. "Isso torna o produto mais atrativo, uma vez que é mais especializado e passou por um processo que nem todo país comprador é capaz de produzir, seja por recursos orçamentários seja por espaço físico", completa.

Dos armazéns paulistas para os navios internacionais

Proveniente da China, a laranja encontrou no Brasil um solo melhor para se desenvolver. Começamos a nos tornar um global player do suco de laranja na década de 1980, quando a Flórida perdeu espaço no mercado mundial devido a problemas climáticos.

O Brasil, por outro lado, apresenta clima ideal para o plantio da fruta e conta com mão de obra barata. Esses dois fatores impulsionaram a produção e contaram, mais tarde, com o desenvolvimento de novas tecnologias de semeadura e colheita.

As indústrias que transformam a laranja em suco também aperfeiçoaram a logística necessária para exportar o produto para diversos continentes. Para que o suco chegue a seus destinos com a melhor qualidade possível, o contato com o oxigênio deve ser nulo.

Na cidade paulista de Araraquara concentram-se as indústrias responsáveis por retirar toda a água do suco da laranja, transformando-o em sumo. Esse material é levado para o porto de Santos em caminhões refrigerados e lá é distribuído para os terminais das empresas que vão importá-lo. O sumo é depositado em barris, que são congelados com hidrogênio líquido e, dessa maneira, seguem para seus principais destinos: Bélgica, Holanda, Japão e Flórida.

Diplomancia

Pity me not, but lend
thy serious hearing
To what I shall
unfold.

Palavras do fantasma do
pai ao príncipe Hamlet.
Ato I, Cena V

A propaganda é a alma do negócio. Eduardo e Mônica, nada parecidos, eram almas gêmeas. Meu colégio de infância era frequentado por uma alma, a Loira do Banheiro, conhecida em outras plagas como *Bloody Mary*. O diplomata dedica-se de corpo e alma à política externa. Corpo diplomático tem alma? E o Itamaraty? tem alma? Ou teriam as assombrações fugido, meio século atrás, da des-animada Brasília, com a desculpa lógica de que, numa cidade fantasma, sua presença seria redundante?

Pois na Casa Branca, dizem, perambula Abraham Lincoln. Na rival Torre de Londres, vagueia Ana Bolena. (A bem da verdade, falta a decepada cabeça desta rainha, mas vale por um fantasma inteiro.) No Coliseu, o tinir das espadas dos gladiadores ainda pode ser ouvido. Já no Itamaraty... *si, los hay!* Ora, as misteriosas quedas da rede de computadores na Secretaria de Estado não configurariam um *poltergeist* de proporções ministeriais? As salas do Anexo I, vistas da Esplanada com suas luzes acesas em plena madrugada, não abrigariam "zumbiplomatas" estressados, a redigir frenéticas instruções sobre a Guerra do Paraguai, ou sobre a Questão do Acre? Tudo indica serem fantasmas de funcionários; mais encontradiços, aliás, do que certos funcionários fantasmas...

No espectro fantasmagórico, os "itamaratasmas" mais se assemelham ao inofensivo *Sir* Simon de Canterville, situando-se no extremo oposto ao temível corsário *Sir* Walter Raleigh. Em comparação com os fantasmas clássicos, têm uma aparência mais fluida e diáfana. Mas quem negará que continuam sendo brasileiros natos, se já o eram em vida? No além, os ectoplasmas diplomáticos conservam seus cacoetes burocráticos: o andar fleumático pelos corredores, as mãos juntas nas costas levemente arqueadas, o breve aceno para ex-colegas estupefatos, o indefectível sorrisinho urbano. Batem ponto no primeiro subsolo do Bolo de Noiva, onde o índice de atividade para-

normal é altíssimo, talvez por estarem ali localizados os maços pessoais, disponíveis para consulta de interessados, falecidos ou não. Aferrados ao costume antigo, detestam acordar cedo. Aparecem, geralmente, depois das seis da tarde. (Estariam tentando evitar encontros sobrenaturais os servidores que cumprem jornada reduzida?) No Bolo, corre a história de que certo *itamaratasma*, morto meses antes em trágico acidente, ao deparar-se com um contínuo incauto, que o saudou com um amável "Embaixador! O senhor de volta?", teria, constrangido, murmurado em resposta: "Mais ou menos"...

Lendas urbanas pululam nesta Casa mal-assombrada. Leitor intrépido, acompanhe-me ao Anexo II, segundo andar, sala 43. Embarquemos numa viagem ao passado, ano de 2003, final de expediente. Uma diplomata grava dados no moderno computador da sala da chefia do Departamento de Ciência e Tecnologia. De repente, passos furtivos no corredor. Um desconhecido, vestido todo de branco, invade a recepção do DCT e toma a diagonal em direção à sala dos assistentes, aos brados de "João! Ó João!" A jovem educadamente dirige-se à sala vizinha para explicar ao visitante que ali não trabalhava nenhum João, mas, para sua surpresa, não encontra ninguém. Detalhe: as janelas de vidro que dão acesso ao jardim de inverno estavam trancadas. Cada qual que tire suas próprias conclusões.

Cético, ainda? Então caminhemos de volta ao Anexo I, terceiro andar, sala 329-A. Abril de 1999. A atmosfera na Associação dos Diplomatas Brasileiros é de luto, pela morte de um Embaixador querido. Coincidência ou não, nascera no Natal e morrera na Sexta-Feira da Paixão. Duas senhoras fazem a limpeza matutina na ADB. Reparam na cadeira do finado Presidente, vazia e triste. Tentam movê-la, para varrer o chão; fracassam. Novo esforço, e nada. Pesada demais! Intervém, então, a ex-secretária do falecido: "Por que vocês não pedem permissão a ele?" Diante das faxineiras espantadas, a secretária, que atacava de *médium* nas horas vagas, com muita naturalidade tasca um "se o senhor nos dá uma licencinha...", após o qual a cadeira fica leve como uma pluma, facilitando a arrumação.

Nem o requintado Palácio escapa do incômodo. O ponto de encontro é o terceiro andar, temido até pelos seguranças. Um desses marmanjos, que certa feita ressonava num banco do terraço, foi cutucado três vezes por um companheiro invisível, que o repreendeu: "Sai daqui que esta área é minha!". Devido à insistência, teve de retirar-se para a Sala Brasília, cujas vidraças lhe serviram de proteção até o amanhecer. Acredita-se que o espírito

Itamaratasma obeso

resmungão era o do fuzileiro que, nos idos de 75, disparou contra si mesmo uma rajada de tiros de metralhadora. De pontaria duvidosa, o suicida vitimou também Os Gaúchos de Portinari, peneirados por nove balas.

O protocolo do Palácio, tão estrito durante o dia, às vezes é quebrado na calada da noite. Prova disso foi o agente de vigilância pego, literalmente, de calças curtas, no Salão Nobre. Possivelmente empolgado com as calipígias Gêmeas de Ceschiatti e com as Três Jovens de Segall, tantas mulheres assim, fazendo traquinagens nos exuberantes jardins suspensos de Burle Marx, o irreverente vigia decidiu representar o *Nu Deitado* de Brecheret! Mas não passou impune, porque, lá pelas tantas, ele mesmo chegava esbaforido, de cuecas, à Seção de Guarda e Proteção, no subsolo, perseguido, segundo alegou, por uma porca raivosa. (A proximidade da

Não esqueçamos os itamaratasmas lotados no exterior. Consulado-Geral em Milão, janeiro de 2002. Uma reforma hidráulica movimenta a residência oficial, perturbando a vida (digo, a morte) de uma italianinha de tenra idade.

Cozinha, onde se preparam calóricas feijoadas para dignitários estrangeiros, não explica cabalmente o episódio.) A esses fenômenos devem somar-se o piano Steinway a tocar sozinho, o "elevador assassino" e a porta que range com certa teimosia durante as rondas no quarto andar. Com razão o turno da noite é o menos disputado pelos guardas do MRE...

Não esqueçamos os *itamaratasmas* lotados no exterior. Consulado-Geral em Milão, janeiro de 2002. Uma reforma hidráulica movimenta a Residência Oficial, perturbando a vida (digo, a morte) de uma italianinha de tenra idade. Agitada com as obras, a meninota corre pela casa, batendo portas, por entre os móveis revirados. Às vezes chama os hóspedes, imitando a voz do anfitrião, que, procurado, é encontrado roncando. Sempre que surpreendida, desaparece entre pulinhos graciosos. Felizmente, concluída a reforma, a moleca peralta nunca mais foi vista. Deve ter aprovado o resultado dos trabalhos. Desconfia-se que foi ela quem deixou aberta a torneira que causou o malfadado vazamento de água no imóvel.

Nenhuma *leggenda nera,* porém, supera a da célebre Donna Olimpia, cuja fortuna ampliou e embelezou o Palácio Pamphili, atual sede da Embaixada do Brasil em Roma. Sedutora e ambiciosa, recebeu vários apelidos, dos quais "Papisa" foi o mais corrosivo, por ter sido a confidente – suspeitavam amante - de seu cunhado, o Papa Inocêncio X. Olímpia iniciou sua trajetória espetacular aos quinze anos de idade, quando acusou um padre de tentativa de estupro, a fim de escapar do destino no convento. Jovem viúva do ricaço Paolo Nini, contraiu segundas núpcias com o Marquês Pamphilio Pamphili, trinta anos mais velho do que ela. (O amor é lindo.) Fofocas da época dão conta de que ela teria envenenado o coroa. Ainda insatisfeita, multiplicou seu patrimônio e poder valendo-se de uma suposta rede de bordéis, por meio da qual se convertera em fiel depositária de segredos que políticos e sacerdotes, por debaixo dos lençóis, confiavam às prostitutas romanas do século XVII. Finalmente, aproveitando-se da agonia do Sumo Pontífice, surrupiou-lhe dois cofres abarrotados de escudos de ouro. Como se recusasse a devolver a quantia ao sucessor, Alexandre VII, foi por este banida da Piazza Navona, apenas para morrer um par de anos depois, na epidemia de peste de 1657, não sem antes ter sofrido a dor da perda de seu único filho.

Vida mundana, memória macabra. Há quem garanta que a Papisa, todo sete de janeiro, aniversário da morte de Inocêncio X, passa velozmente, a altas horas da noite, diante da Embaixada do Brasil, com suas moedas douradas, recostada em almofadas de damasco, a bordo de uma carruagem preta, conduzida por Lúcifer e puxada por corcéis de olhos flamejantes, até despencar da ponte Sisto, com toda essa parafernália, e desaparecer, tchibum, engolfada no fundo do rio Tibre. Sucessivas gerações de diplomatas brasileiros juram ter divisado seu vulto, trajando vestido comprido, a deslizar acima ou abaixo do nível do piso do Palácio Pamphili.

Anoitece na sala 612 do Anexo I, donde, por sinal, já pulou gente. Pelo sim, pelo não, desligo o computador e dou por terminada esta caça às bruxas, pois, se uma noite e da caça, a outra é do caçador...

Adriano Silva Pucci
Diplomata brasileiro

Diplomacia de capa e espada? Quase...

Edgard Telles Ribeiro: **O Punho e a Renda**
(Rio de Janeiro: Editora Record, 2010, 560 p.; ISBN: 978-85-01-09162-8)

Uma "obra de ficção", como alerta seu autor, desde a primeira linha, nem por isso menos plausível, ou até possível, se aceitarmos certas premissas (e algumas das liberdades) dos romances de mistério. Em todo caso, se trata da história de uma geração, a dos diplomatas que atravessaram os anos de chumbo dos governos militares, quando alguns se tornaram "mais iguais" do que os colegas de carreira, ao aceitar colaborar com o regime de força.

O romance histórico tem dois personagens principais: o próprio autor-relator, jamais identificado, mas autodeclarado; e Max, uma mistura de possíveis diplomatas reais, objeto de uma espécie de "biografia nãoautorizada", aqui seguido num relato de descobertas progressivas ao longo de suas atividades paradiplomáticas, digamos assim. Como convém a um bom romance de espionagem, a cobertura desse "segundo expediente" de Max é parcial, em função das

brumas que cercam o trabalho de qualquer serviço de inteligência. No caso de Max, por incrível que pareça, eram três, um nacional, o SNI, e dois estrangeiros: a CIA e o MI6. Não faltam ofertas de emprego nesse gênero de atividade...

Max é um intelectual de sucesso, o que não o impede de fazer um pacto faustiano, seja por ambição de poder, seja por impulsos puramente psicológicos: ele mantém um gosto especial por uma vida de dupla, ou tripla, personalidade. Cenários e personagens são todos plausíveis, ou até reais, apenas que com nomes trocados ou situações e cidades alteradas. Os mais velhos na carreira certamente estarão tentando adivinhar a trajetória deste ou daquele embaixador: por exemplo: o "homem da capa preta", especialmente colaboracionista; os mais jovens ficarão se perguntando se a história foi ou é real, já que o autor deixa ampla margem para todo tipo de especulação. Ou seja, o romance de "ficção" prende pelo seu lado "realista-plausível".

Alguns diplomatas podem querer consultar, discretamente, currículos de colegas, vivos ou "desaparecidos", para saber o quanto existe de coincidências ou de similitudes, em termos de postos, datas e situações, com colegas que eles possam ter conhecido e que imaginam "retratados" no romance. Muitos se sentirão frustrados, talvez mais pelas divergências, do que pelas coincidências, que são plausíveis, até mesmo possíveis, num jogo bem encadeado na absorvente escrita do autor.

A figura faustiana em torno da qual se desenvolve a trama acaba revelando aos serviços para o qual trabalha o segredo que cercava o programa nuclear brasileiro, ainda em gestação no início dos anos 1970. Ele o faz involuntariamente, ao mencionar um dos romances de Thomas Mann para uma de suas ligações no MI6. Não foi o Doktor Faustus, mas Der Zauberberg (*A Montanha Mágica*); deixo o resto na sombra, para atiçar a curiosidades dos candidatos a leitores.

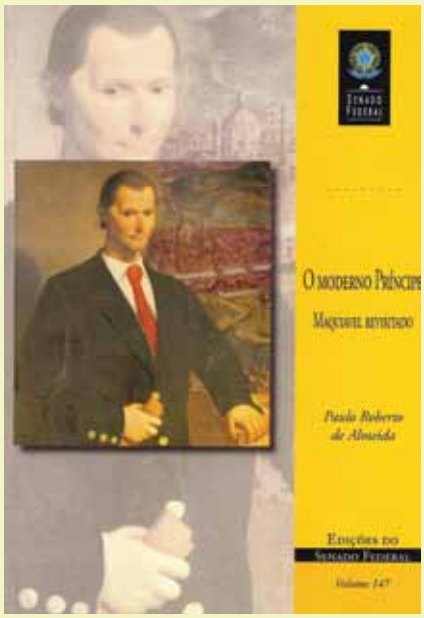
Os interessados na História, a real, tentarão estabelecer onde termina a realidade e onde começa a ficção nesta obra perturbadora; essa separação é muito difícil de ser feita, pela própria natureza da trama e pelas características do personagem principal. Algum psicanalista talvez diga que a obra representou a forma de seu autor "matar" uma parte de seu passado, o que também é legítimo, sobretudo para os que viveram aqueles anos de escolhas difíceis e de futuros incertos. Nem todos os "sobreviventes" o fizeram com tanta dignidade e honestidade intelectual quanto o autor deste "romance".

Os interessados na História, a real, tentarão estabelecer onde termina a realidade e onde começa a ficção nesta obra perturbadora; essa separação é muito difícil de ser feita, pela própria natureza da trama e pelas características do personagem principal

Paulo Roberto de Almeida:

O Moderno Príncipe (Maquiavel Revisitado)

(Brasília: Senado Federal, 2010, 195 p.; ISBN: 978-85-7018-343-9)



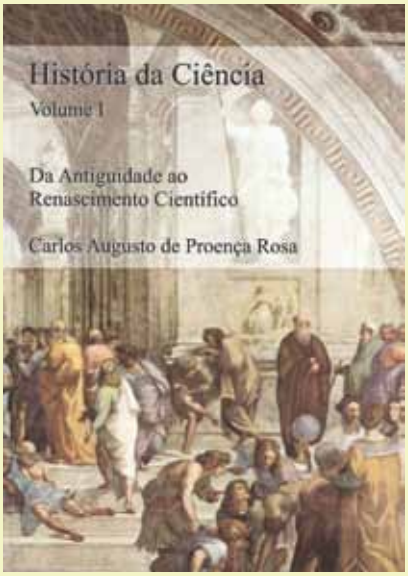
Se Maquiavel reencarnasse atualmente, talvez não defendesse mais um Estado forte, um príncipe poderoso, no limite da tirania. Ele o fez pensando libertar uma Itália desmembrada, invadida por tropas estrangeiras e mal defendida por mercenários a soldo. Esta releitura do livro mais famoso da teoria política, aliás o fundador da disciplina, se coloca do ponto de vista dos cidadãos, não do poder central. O novo Príncipe segue os temas de cada um dos 26 capítulos originais, com os argumentos adaptados à política moderna, eventualmente brasileira. Ambos os livros foram escritos no ostracismo, que parece ser um bom cenário para reflexões sobre o poder, sobretudo aquele discricionário, que pretende mandar na vida dos cidadãos. Os que pensam com sua própria cabeça, costumam ver mais longe que os imediatistas...

Oscar S. Lorenzo Fernandez:

Três Séculos e uma Geração

(Brasília: Funag, 2010, 368 p.; ISBN: 978-85-7631-261-1)

O livro é exatamente o que o título indica: um diplomata, nascido no início do século XX, que carregava ainda as marcas do século XIX, chega ao século XXI para relatar seu brilhante itinerário, que é o de uma geração que pretendeu modernizar o Brasil e conseguiu, pelo menos parcialmente. Poucos brasileiros dessa geração que atravessou o dramático século XX possuem o estofo intelectual, a formação acadêmica, a experiência de vida, a vivência internacional e os conhecimentos econômicos e em ciência e tecnologia do embaixador Lorenzo Fernandez, e poucos diplomatas seriam capazes de retraçar esse itinerário, numa obra tão rica de informações, de opiniões e de argumentos embasados na mais pura lógica e na herança acumulada pelas civilizações ao longo do tempo. Estupendo.



Carlos Augusto de Proença Rosa:

História da Ciência (3 volumes, 4 tomos)

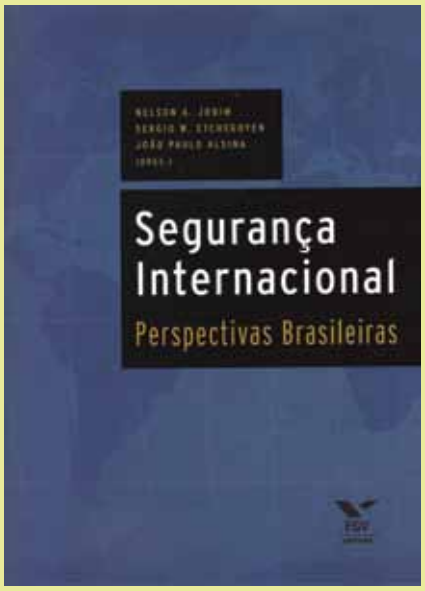
(Brasília: Funag, 2010; ISBNs: 1o.: 978-85-7631-264-2, 496 p.; 2o.: 978-85-7631-265-9, 420 p. e 400 p.; 3o.: 978-85-7631-267-3, 524 p.)

Monumental: sete capítulos, com quase duas mil páginas, resumindo todo o conhecimento científico da humanidade desde a Antiguidade até a sociologia moderna, com sínteses preciosas sobre o desenvolvimento de todas as ciências. O primeiro dos três volumes vai da Antiguidade (na verdade da pré-história) ao Renascimento Científico, no século XVI; o segundo, em dois tomos, cobre primeiro a ciência moderna, desde Bacon e Galileu até o século das Luzes; no segundo, examina o pensamento científico e a ciência no século XIX, quando, ao lado das ciências naturais surge a sociologia; o terceiro volume, finalmente, o mais volumoso, trata do triunfo do pensamento científico no mundo contemporâneo, contendo inclusive uma seção sobre a sociologia no Brasil. Não existem precedentes no Brasil de obra tão monumental composta por um estudioso isolado: um genial diplomata científico!

Nelson A. Jobim, Sergio W. Etchegoyen, João Paulo Alsina (orgs.):

Segurança Internacional: Perspectivas Brasileiras

(Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, 648 p.; ISBN: 978-85-225-0835-8)



O ministro da Defesa e o general que o assessora figuram por dever, mas o organizador de fato é o terceiro, um diplomata, já autor de dois outros livros sobre defesa; ele foi o "gerente" efetivo de um projeto ambicioso nas dimensões e na cobertura temática. Três outros colegas participaram dos seminários preparatórios. Acadêmicos, altos funcionários e alguns empresários marcaram presença em cada um dos cinco blocos: cenário global, desafios contemporâneos, circunstância regional, perspectiva brasileira e realidades regionais. Precedendo cada seção, uma síntese das apresentações esclarece como cada uma delas atende às metas do projeto: aumentar a inteligência nacional nas questões de segurança e colocar a defesa em uma situação de protagonismo cooperativo com as relações exteriores. Trata-se de excelente começo.

Embaixador Ramiro Elysio Saraiva Guerreiro

Em 19 de janeiro deste ano, o Itamaraty e o Brasil perderam um homem que foi exemplo de capacidade profissional, ética, fineza de trato e discrição. Lembranças carinhosas e bem-humoradas de sua maneira peculiar de concentrar-se de olhos fechados e com o cigarro entre os dedos, aparentemente adormecido, mas capaz de repetir todas as palavras de seu interlocutor, são evocadas.

Mas creio que o mais importante de sua atividade diplomática passou despercebido. Mesmo em sua autobiografia, talvez pela referida discrição, ele deixou de mencioná-lo: os debates sobre a Convenção Internacional sobre os Direito do Mar. Neles, primeiramente conseguiu substituir a expressão "plataforma continental" por "leito do mar". Para os menos avisados, pareceria mera questão semântica, todavia, como a plataforma continental não é homogênea e, por vezes, é bastante estreita, a importância da mudança é óbvia. Depois, seguindo a técnica do "pedir o mais para conseguir o menos", insistiu nas 200 milhas de mar territorial para conseguir o que realmente nos interessava: o mar patrimonial, ou seja, a Zona Econômica Exclusiva – ZEE.

Os benefícios de tal sucesso são incalculáveis. A maior parte de nosso petróleo se encontra *off-shore* e fora dos limites da plataforma continental. Portanto, tivemos assim o embasamento jurídico necessário à sua exploração e mesmo para a do pré-sal em futuro que, esperamos, ocorra brevemente. Consequentemente, o Brasil pôde atingir autossuficiência na produção desse recurso básico a tantos setores da indústria e do consumo. Ademais, o fato de nossas jazidas se encontrarem na região abissal, levou a Petrobras a desenvolver e exportar tecnologia que ainda hoje é a mais avançada do mundo para a prospecção de petróleo em águas profundas.

No célebre Discurso de Marco Antônio aos Romanos, da peça Júlio César, Shakespeare escreveu: "O mal que os homens fazem lhes sobrevive, o bem é frequentemente enterrado com seus despojos". Que esse bem não permaneça enterrado e esquecido e seja o mérito atribuído a quem de direito: embaixador Ramiro Elysio Saraiva Guerreiro.

Carlos Augusto
Loureiro de Carvalho
Diplomata brasileiro

Embaixador David Silveira da Mota Jr

Conheci David Silveira da Mota Jr na Bolívia, quando das negociações do acordo sobre petróleo, ultimado em Roboré.

Tornamo-nos amigos e acompanhei sua carreira que, com exceção de dois anos na Presidência da República, governo Kubitschek, foi toda dedicada ao Ministério das Relações Exteriores.

Tendo servido inicialmente na Missão do Brasil junto à ONU, adquiriu enorme experiência e participou durante mais de duas décadas em suas atividades.

Foi membro das delegações do Brasil a dezoito Assembleias Gerais da ONU, Nova Iorque, no período de 1953 a 1974. Relator (1966) e presidente (1969) da quinta Comissão da Assembleia Geral. Membro eleito do Comitê de Contribuições da ONU, 1963-1978, para citar apenas suas contribuições mais valiosas à Organização.

No decorrer de sua profícua carreira foi secretário-geral adjunto para Assuntos da Europa Oriental e Ásia (1967-1970). Como ministro exerceu as funções de ministro plenipotenciário na África do Sul (apartheid) e de Embaixador na Argélia. Foi ainda embaixador na Venezuela, Bélgica e Luxemburgo e no Uruguai.

Dotado de uma inteligência lúcida, bela cultura e enorme capacidade de trabalho, serviu ao Itamaraty, com notável eficiência, por mais de quarenta anos. Considerado um chefe exigente, o foi, sobretudo, consigo mesmo.

Cumpriu seu dever de cidadão e diplomata de forma exemplar.

Essa é a lembrança que guardo dele.

Marcel Dezon Costa Hasslocher
Diplomata brasileiro

Embaixador Oswaldo Biato

Em 24 de janeiro deste ano faleceu, em Brasília, o embaixador Oswaldo Biato, que nasceu no Rio de Janeiro em 1927 e ingressou na carreira diplomática em 1954. Serviu em Buenos Aires, Pretória, Washington, Haia, Camberra, Nova Orleans e Acra, tornando-se bem conhecido dos colegas mais jovens devido à permanência em Brasília, entre 1976 e 1981, quando participou da direção do Instituto Rio Branco, que fora transferido do Rio de Janeiro, e da sua instalação na capital.

Temperamento discreto, fazia questão de não exibir suas qualidades, muitas vezes só percebidas pelos amigos, o que não impediu que se tornasse reputado pela seriedade e pela dedicação ao trabalho. Oswaldo deixou dois filhos no Itamaraty: Oswaldo Júnior, que se prepara para assumir a nova Embaixada no Cazaquistão, e Marcel, embaixador em La Paz.

Oswaldo Biato foi presidente do Conselho Fiscal da ADB.

Sérgio Guarischi Bath
Diplomata brasileiro

Expediente

DIRETORIA DA ADB
Embaixador Guy M. Castro Brandão – Presidente
Ministro Paulo Roberto de Almeida – Vice–presidente executivo
Ministro Carlos Augusto Loureiro de Carvalho – Diretor
Conselheiro Adriano Silva Pucci – Diretor
Secretário Rômulo Fiqueira Neves – Diretor

CONSELHO FISCAL
Embaixador Oscar Soto Lorenzo Fernandez - presidente
Conselheiro Francisco Hermógenes de Paulo
Conselheiro Murillo Basto Júnior

SECRETARIADO DA ADB
Gerente Administrativo: Térsio Arcúrio
Assistente Administrativa: Jacqueline Francisca da Cruz

ADB
Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ano XVII – nº 72
Edição Janeiro/Fevereiro/Março de 2011 – ISSN 0104–8503

CONSELHO EDITORIAL
Guy M. de Castro Brandão
Paulo Roberto de Almeida
Adriano Silva Pucci
Carlos Augusto Loureiro de Carvalho
Rômulo Fiqueira Neves

REPORTAGEM
Flávia Medeiros e Lívia Barreto

EDIÇÃO
Rogério dy la Fuente e Lívia Barreto

REVISÃO
Cecília Fujita e Joíra Coelho

PROJETO GRÁFICO
Fabrício Martins e Wagner Ulisses

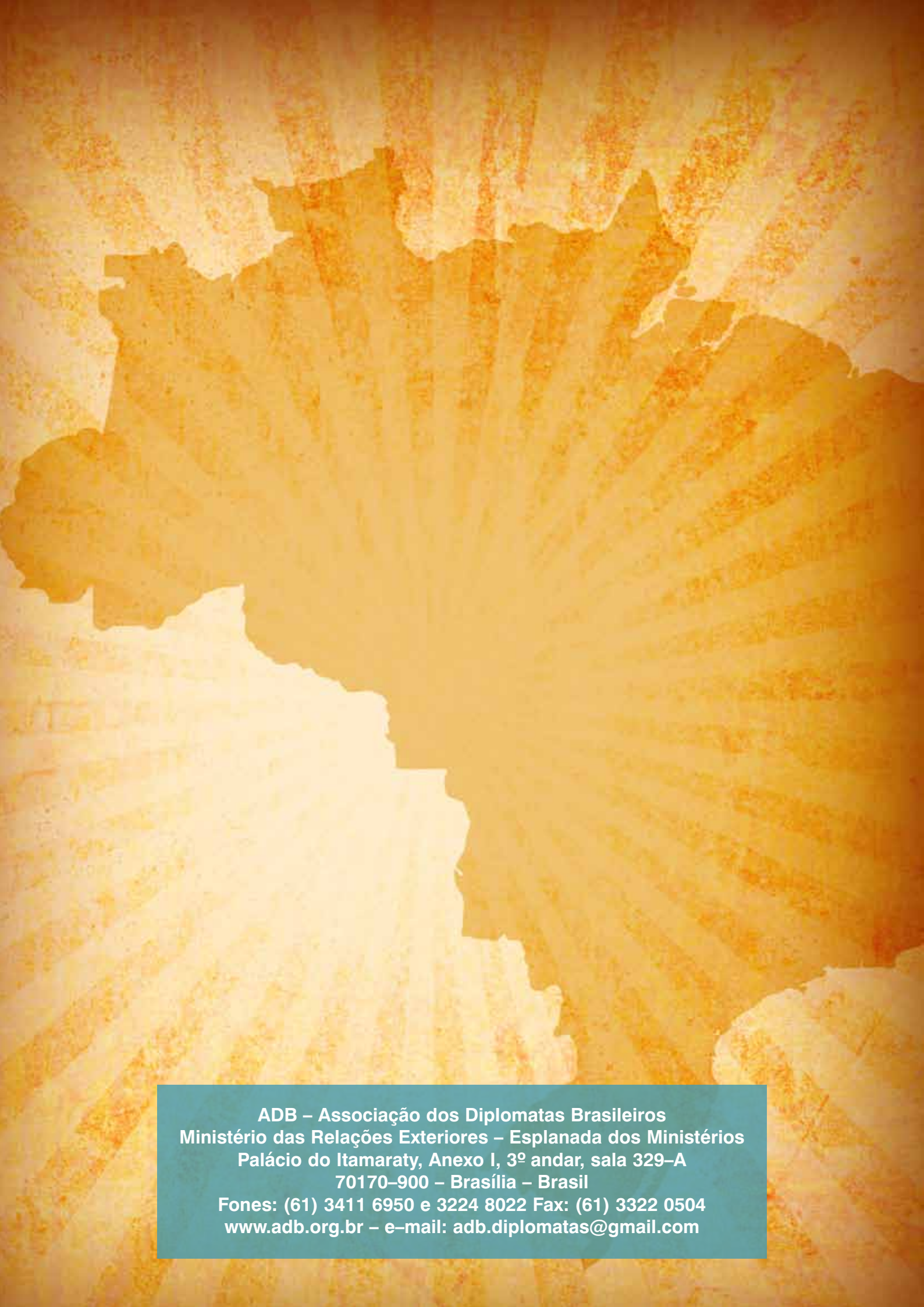
CAPA
Alessandro Santanna

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Werner

IMPRESSÃO
Gráfica Athalaia

TIRAGEM
3 mil exemplares

liberdade de expressão
agência e assessoria de comunicação
Diretora responsável
Patrícia Cunegundes
(61) 3349 2561



ADB – Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ministério das Relações Exteriores – Esplanada dos Ministérios
Palácio do Itamaraty, Anexo I, 3º andar, sala 329–A
70170–900 – Brasília – Brasil
Fones: (61) 3411 6950 e 3224 8022 Fax: (61) 3322 0504
www.adb.org.br – e–mail: adb.diplomatas@gmail.com